

UNIATENAS

JAQUELINE RODRIGUES XAVIER

**O ATENDIMENTO PEDAGÓGICO EDUCACIONAL NO
AMBIENTE HOSPITALAR**

Paracatu
2018

JAQUELINE RODRIGUES XAVIER

O ATENDIMENTO PEDAGÓGICO EDUCACIONAL NO AMBIENTE HOSPITALAR

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Centro Universitário Atenas, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Pedagogia Hospitalar

Orientadora: Prof.^a. Msc. Hellen Conceição Cardoso Soares

Paracatu
2018

JAQUELINE RODRIGUES XAVIER

O ATENDIMENTO PEDAGÓGICO EDUCACIONAL NO AMBIENTE HOSPITALAR

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia do Centro Universitário UniAtenas, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de Concentração: Área Escolar

Orientadora Prof.^a: Msc. Hellen Conceição Cardoso Soares.

Banca Examinadora:

Paracatu/MG, 21 de Novembro de 2018.

Prof.^a. Msc. Hellen Conceição Cardoso Soares
UniAtenas

Prof.^a. Msc. Jordana Vital Santos Borges
UniAtenas

Prof.^a. Msc. Jôsy Roquete Franco
UniAtenas

Dedico este trabalho à minha família, amigos e professores que se fizeram parte fundamental para que meus sonhos tomassem vida e por sempre acreditarem em meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por todas as chances proporcionadas, por cada uma das pessoas que inseriu em meu caminho fazendo assim com que meus sonhos obtivessem vida.

Gostaria de agradecer a todos que fizeram e ainda fazem parte de mais uma etapa em minha estruturação profissional e a todos que virão a instituir nesta incrível jornada a qual se inicia.

Também gostaria de agradecer a todos os professores que me acompanharam e em especial a minha orientadora Profa. Msc. Hellen Conceição Cardoso Soares que confiou e se dispôs a instruir-me neste importante percurso.

Agradeço aos meus colegas que desde a escola, cursos e até aos do Centro Universitário Uniatenas, aos meus amigos e irmãos de fé, que a todos os momentos estão me dando força e me apoiando nos momentos turbulentos em que mais preciso.

A minha família (mãe, irmã, avós, primos, tios, etc.), que sempre estão me encorajando, incentivando e auxiliando a realizar mais um sonho. Em particular à minha mãe, Solange de Fátima, que está sempre fazendo o possível e o impossível para ver meu desenvolvimento, cooperando, acreditando, empenhando e por todos os ensinamentos que me deu.

Enfim, obrigada a cada um de vocês com suas individualidades que me auxiliaram em momentos e situações mais diversas.

O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher.

Cora Coralina

RESUMO

O vigente trabalho apresentado retrata a área do Pedagogo Hospitalar e a inserção de seus trabalhos dentro do âmbito hospitalar educacional. Este surge para retratar e expor os fatores contribuintes para a adequação da educação para aqueles que não podem ir à escola devido às condições de saúde em que se encontram. Este, apresenta também o funcionamento de seus atendimentos, as vertentes que lhes são atribuídas, os benefícios e as dificuldades que surgem ao longo desta jornada de trabalho. Com base em todas as pesquisas, nota-se que a implantação deste profissional dadas as circunstâncias é um grande mediador para proporcionar educação e conforto aqueles alunos que se encontram enfermos e em um ambiente tido como “frio” e que para eles se torna um tanto novo e também adaptativo.

Palavras chave: Pedagogia Hospitalar. Atendimento Pedagógico. Pedagogo. Educação no hospital.

ABSTRACT

The current work presented portrays the area of Pedagogical Hospital and the insertion of his works within the educational hospital scope. The same appears to portray and expose the factors contributing to the adequacy of education for those who can not attend school because of the health conditions in which they are. It also presents the functioning of their services, the aspects attributed to them, the benefits and difficulties that arise during this work day. Based on all the researches, it is noted that the implantation of this professional under the circumstances is a great mediator to propose education and comfort to those students who are sick and in an environment considered as "cold" and that for them it gets somewhat crooked new and also adaptive.

Keywords: *Hospital Pedagogy. Pedagogical Assistance. Pedagogist. Education in hospital.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 PROBLEMA	10
1.2 HIPÓTESES DO ESTUDO	10
1.3 OBJETIVOS	10
1.3.1 OBJETIVO GERAL	10
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
1.4 JUSTIFICATIVA DO ESTUDO	11
1.5 METODOLOGIA DO ESTUDO	11
1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO	12
2 CONCEITUANDO E CONHECENDO A PEDAGOGIA HOSPITALAR	
3 O ATENDIMENTO PEDAGÓGICO NO AMBIENTE HOSPITALAR	16
4 BENEFÍCIOS E DIFICULDADES NO TRABALHO COM A PEDAGOGIA HOSPITALAR	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	

1 INTRODUÇÃO

Para Fonseca (2003), o professor da escola hospitalar é, antes de tudo, um mediador das interações da criança e do ambiente hospitalar. Por isso não deve lhe faltar noções sobre as técnicas e terapêuticas.

A Pedagogia Hospitalar é um dos âmbitos de trabalho dos profissionais formados e licenciados em Pedagogia, ao qual são autorizados para a ministração de ensino/aprendizagem para crianças que se encontram hospitalizadas.

Segundo Fontes (2004), o direito a um trabalho pedagógico de boa qualidade em hospital nasce atrelado ao movimento de humanização que objetiva um atendimento mais igualitário e menos excludente em hospitais, capaz de enxergar o paciente como sujeito integral e não como conjunto de peças anatômicas.

Durante estes períodos faz-se necessário que o professor/pedagogo tome frente com a utilização de intervenção pedagógica mostrando para a criança que a situação vivida por ela neste momento requer determinados procedimentos, para que assim ela entenda e contribua gradativamente em sua melhora.

Segundo Libâneo (2001), a educação está presente em contextos e espaços sociais para além da escola, onde a presença do pedagogo e seus conhecimentos teóricos e práticos se tornam imprescindíveis. Nesse sentido, compreende-se que “[...] em todo lugar onde houver uma prática educativa com caráter de intencionalidade, há aí uma pedagogia”. Sendo assim, podemos concluir que a Pedagogia em seus mais adversos campos tem como principal objetivo condicionar aos indivíduos conhecimentos reflexivos, críticos e sistematizados.

1.1 PROBLEMA

A educação é um direito de todos. A lei LDB 9394/96 é o que nos dá e garante este direito. Sendo assim, no caso de crianças e/ou adolescentes que se encontram enfermos e não podem ir à escola, há a intervenção de um profissional qualificado denominado o Pedagogo Hospitalar, cuja função é suprir e intermediar as necessidades do aluno (a) no ambiente hospitalar e se necessário domiciliar.

Visando tais referências, como deve ser o atendimento pedagógico para a (s) criança (s) e/ou adolescente (s) enfermo (s) no ambiente hospitalar?

1.2 HIPÓTESES

O atendimento pedagógico hospitalar deve atender as necessidades de toda (s) criança (s) e/ou adolescente (s) enfermo (s). Com base nesse pressuposto o atendimento pedagógico nessa situação:

- a) o suporte psicológico do profissional neste âmbito;
- b) os conceitos a serem ministrados com mais importância;
- c) igualdade educacional para os discentes enfermos ou não.

1.3 OBJETIVO

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Elucidar o papel do pedagogo hospitalar diante das principais necessidades educacionais de crianças e adolescentes diante de suas enfermidades.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) identificar e conceituar Pedagogia Hospitalar;
- b) conhecer como acontece o atendimento pedagógico no ambiente hospitalar e sua importância;
- c) apontar as dificuldades encontradas nessa área para que este atendimento seja realizado.

1.4 JUSTIFICATIVA

O pedagogo sempre possuiu a importante tarefa de ensinar crianças e adolescentes durante sua trajetória estudantil, além de ser um atuante altamente qualificado sempre trás junto de si o lado afetivo que deve ser ministrado em suas aulas que maneira equilibrada.

Visando tais conhecimentos, surgiu a ideia de elaborar um trabalho em relação à atuação deste profissional na área hospitalar, procurando favorecer o ensino-aprendizagem dessa (s) criança (s) e adolescente (s), justamente por ser uma modalidade recente no mundo trabalhista, e por envolver a educação dos mesmos que não podem se fazer presentes em uma sala de aula devido sua (s) enfermidade (s).

1.5 METODOLOGIA

Para este estudo recorreu-se a pesquisa bibliográfica segundo Gil (2010) a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Este trabalho bibliográfico é proveniente de cunho descritivo, e tem como principal objetivo desenvolver, elucidar e relacionar conteúdos interligados a pedagogia em seu âmbito hospitalar. Também serão efetuadas inúmeras pesquisas relacionadas ao tema abordado, com a utilização de livros do grande acervo da biblioteca do UniAtenas, pesquisas no Google Acadêmico, revistas e dentre outros materiais relacionados ao mesmo.

1.6 ESTRUTURA DO TRABALHO

O capítulo 1, apresenta uma sucinta exposição sobre os objetivos, hipóteses e metodologias a serem percorridas pelo trabalho.

O capítulo 2, expõe uma efêmera apresentação sobre a história da Pedagogia Hospitalar e como funciona esta nova área do conhecimento nos âmbitos hospitalares.

No capítulo 3, aborda-se o atendimento pedagógico hospitalar e as vertentes que lhes são apresentadas ao longo de sua jornada de trabalho.

O capítulo 4, discorre os fatores benéficos e as dificuldades encontradas em seu trabalho associadas sobre à condução de seus trabalhos.

Para finalizar, apresenta-se as considerações finais que nos mostra a evolução e a melhoria que é dispor deste profissional atuando no âmbito hospitalar apesar dos obstáculos enfrentados diariamente.

2 CONCEITUANDO E CONHECENDO A PEDAGOGIA HOSPITALAR

A Pedagogia Hospitalar surgiu em meados da década de 90, onde os Órgãos Públicos tiveram a grande precisão de inserir o Pedagogo na área hospitalar para estar contribuindo com a educação dos discentes que não podem ir à escola em consequência aos seus condicionamentos, e então o ensino caminha até eles. Sejam eles de longos ou curtos períodos. (HOYSSAYE, 2004, p. 10).

De acordo com a Antropologia Filosófica (MONDIN, 1982), o homem deve ser entendido de forma integral, ou seja, não fragmentada. O ser humano se constitui nas suas diferentes dimensões: social, histórica, biológica, espiritual, física, emocional, intelectual que o constituem um ser integral.

Há tempos a procura pelo conhecimento e pela percepção cognitiva do homem (ser humano) é relatada como objeto de estudo, desde a antiguidade, até mesmo antecipadamente aos observadores. Os próprios filósofos faziam árduas investigações para uma melhor obtenção de respostas no que condiziam à explicação e compleição sobre seu discernimento no universo. Tal busca ainda permanece nos dias de hoje, justamente pelo fato da constante construção e evolução do homem.

Segundo Fontes (2005, p. 135):

O papel da educação no hospital e, com ela, o do professor, é propiciar à criança o conhecimento e a compreensão daquele espaço, ressignificando não somente a ele, como a própria criança, sua doença e suas relações nessa nova situação de vida. A escuta pedagógica surge, assim, como uma metodologia educativa própria do que chamamos pedagogia hospitalar. Seu objetivo é acolher a ansiedade e as dúvidas da criança hospitalizada, criar situações coletivas de reflexão sobre elas, construindo novos conhecimentos que contribuam para uma nova compreensão de sua existência, possibilitando a melhora de seu quadro clínico.

Para Fontes (2005), a principal função da Pedagogia Hospitalar é desenvolver métodos adversos que possam contribuir no ensino-aprendizagem de uma criança e/ou adolescente que esteja hospitalizado. O atendimento deste profissional nesta área contribui para que esta criança possa ser favorecida nos quesitos da introdução de novas situações a qual ela se encontra, como por exemplo, reduzir o sofrimento e/ou separação do seu meio habitual.

O direito a um trabalho pedagógico de boa qualidade em hospital nasce atrelado ao movimento de humanização que objetiva um atendimento mais igualitário e menos excludente em hospitais, capaz de enxergar o paciente como sujeito integral e não como conjunto de peças anatômicas (FONTES, 2004, p 280).

Segundo Fontes (2004), quando nos questionam a respeito da Pedagogia sobre o que é e/ou qual é a sua funcionalidade devemos sempre ter em mente a extensão de seu verdadeiro significado. Pois além de ser e possuir um composto de técnicas, métodos, princípios e procedimentos do ensino e educação a sua atuação vai muito mais à frente dos princípios básicos no que tange a educação dentro do ambiente escolar.

Sendo assim percebe-se que a intervenção pedagógica ultrapassa as paredes de uma instituição escolar, e situa-se em todos os âmbitos onde há seres humanos. Este profissional não só poderá como também deve exercer sua funcionalidade onde houver o desprovimento da educação.

Considera Fonseca (2003, p. 18-20) que o dia a dia no hospital é cheio de altos e baixos e apresenta algumas dificuldades, há crianças que ficam hospitalizadas por um período longo e algumas por uma semana ou um dia.

De acordo com Fontes (2000), o trabalho pedagógico em hospitais apresenta diversas interfaces de atuação e estar na mira de diferentes olhares que o tentam compreender explicar e construir um modelo que possa enquadrar. No entanto, é preciso deixar claro que tanto a educação não é elemento exclusivo da escola quanto à saúde não é exclusivo do hospital é centro de educação por proporcionar atendimento preventivo e curativo com vistas ao acesso do conhecimento das diversas patologias por parte de seus usuários.

Cabe a estes Pedagogos Hospitalares a difícil tarefa de conseguirem amenizar grande parte dos obstáculos que afligem estes pacientes, tais eles como a desigualdade e a aproximação com o outro. É necessário que a humanização escolar também esteja presente, incluído o carinho, o afeto, o respeito etc.

Educar significa utilizar práticas pedagógicas que desenvolvam simultaneamente razão, sensação, sentimento e intuição e que estimulem a relação intercultural e a visão planetária das coisas, em nome da paz e da unidade do mundo. Assim, a educação –além de transmitir e construir o saber sistematizado- assume um sentido terapêutico ao despertar no educando uma nova consciência que transcenda do eu individual para o eu transpessoal. (CARDOSO, 1995, p. 48).

É neste viés que esta nova proposta educacional diferenciada do ensino nos trás a necessidade de cuidar destes alunos enfermos em prol da educação. A grande maioria destes profissionais enfatizam o percentual de melhora no quadro clínico desta criança quando hospitalizada, durante este processo elas se mostram mais receptivas, felizes e conseguem desenvolverem melhor tanto no estado físico, mental e educacional.

Segundo Paula (2003, p. 32 e 33):

[...] este tipo de trabalho não requer somente a formação acadêmica, mas habilidades específicas de uma práxis pedagógica complexa que envolve diferentes aspectos no trabalho cotidiano como: sensibilidade para atuar com crianças, adolescentes e famílias fragilizadas, conhecimento da realidade hospitalar e das patologias, habilidade para lidar com diferentes grupos de alunos, pais e com as equipes multidisciplinares, capacidade de colaboração e estratégias didáticas para atender alunos provenientes de diversas regiões e com diferentes conteúdos escolares, abertura para outro, independente de sua condição física, econômica e social, respeito às diferenças de etnia, raça e religião, dentre vários outros aspectos que envolvem o fazer pedagógico nessas instituições.

Portanto, devemos ter em mente que o trabalho designado a este profissional pedagógico há a necessidade de uma adaptação proveniente de um espaço ajustado cuja finalidade é promover uma unidade hospitalar apropriada, para tais circunstâncias de saúde quanto afetiva, referente a melhor desenvoltura de sua conjuntura emocional. Lembrando que, neste processo é de grande valia que haja um equilíbrio dentre ambos os fatores físicos, emocionais e educacionais da criança/adolescente que se encontra enfermo (a).

3 O ATENDIMENTO PEDAGÓGICO NO AMBIENTE HOSPITALAR

Para Alves (2003), o nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança; tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso nós, pais e professores, antes de sermos especialistas em ferramentas do saber, devemos ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos.

Mediante a isto, percebe-se que esta complexa tarefa nos traz o informe que devemos estabelecer uma relação entre a saúde, sonhos e educação destes jovens enfermos. É essencial que os educadores/professores atuantes nesta área conheçam as principais etapas e necessidades de cada aluno dentre as suas particularidades.

Tomamos a humanização como estratégia de interferência no processo de produção de saúde, levando-se em conta que sujeitos sociais, quando mobilizados, são capazes de transformar realidades transformando-se a si próprios nesse mesmo processo. (MS, 2004, p. 08)

Sendo assim, para MS (2004), a transição e a criação de novos saberes, a atualização transdisciplinar, o reconhecimento das necessidades, os desejos e as propensões de ambos os sujeitos, são vertentes que acontecem diariamente, tendo em vista que a mediação do educador responsável aprofunda em um recinto em que muitas das vezes é tomado pela dor, tristeza, receios e dentre outros vieses “sombrios” que automaticamente intimidam os educandos que se encontram enfermos.

Com relação a pessoa hospitalizada, o tratamento de saúde não envolve apenas os aspectos biológicos da tradicional assistência médica à enfermidade. A experiência de adoecimento e hospitalização implica mudar rotinas; separar-se de familiares, amigos e objetos significativos; sujeitar-se a procedimentos invasivos e dolorosos e, ainda, sofrer com a solidão e o medo da morte – uma realidade constante nos hospitais. (MEC, 2002, p. 10)

E é nesta situação que o profissional se faz necessário, ao adentrar neste ambiente, o mesmo deverá usufruir de seus conhecimentos adquiridos anteriormente para intervir a esta percepção sobre um ambiente tido como “frio” e propondo assim uma nova concepção, ou seja, uma nova visão para a sua nova classe hospitalar, lhes proporcionando um novo foco que não seja a doença.

Segundo o Ministério da Educação (2002), o atendimento pedagógico deverá ser orientado pelo processo de desenvolvimento e construção do conhecimento

correspondente da educação básica, exercido numa ação integrada com os serviços de saúde. A oferta curricular ou didático-pedagógica deverá ser flexibilizada, de forma que contribua com a promoção de saúde e ao melhor retorno e/ou continuidade dos estudos pelos educandos envolvidos.

Na escola hospitalar, cabe ao professor criar estratégias que favoreçam o processo ensino-aprendizagem, contextualizando-o com o desenvolvimento e experiências daqueles que vivenciam. Mas, pra a atuação adequada, o professor precisa estar capacitado para lidar com as referências subjetivas das crianças, e deve ter destreza e discernimento para atuar com planos e programas abertos, móveis, mutantes, constantemente reorientados pela situação especial e individual de cada criança, ou seja, o aluno da escola hospitalar. (FONSECA, 2003, P. 26)

Com tais concepções é dado o momento das atribuições organizacionais e planejamentos serem elaborados e ministrados. É necessário levar-se em conta que os temas a serem realizados pelos educadores responsáveis devem sempre ter em mente a veracidade do ambiente hospitalar. Ou seja, respeitar o tempo e a disposição da criança hospitalizada, já que sua vulnerabilidade se torna maior devido a sua oscilante adaptação ao tratamento.

Educar significa utilizar práticas pedagógicas que desenvolvam simultaneamente razão, sensação, sentimento e intuição e que estimulem a integração intercultural e a visão planetária das coisas, em nome da paz e da unidade do mundo. Assim, a educação – além de transmitir e construir o saber sistematizado – assume um sentido terapêutico ao despertar no educando uma nova consciência que transcenda do eu individual para o eu transpessoal. (CARDOSO, 1995, P. 48)

A parceria entre os profissionais da saúde juntamente aos profissionais docentes é o que faz com que a criança hospitalizada consiga ter melhor reação ao tratamento, tanto no físico quanto ao psicológico/emocional. Há relatos feitos pelos próprios profissionais da saúde enfatizando que quando é feita esta intervenção educacional pedagógica pelos docentes para os pacientes, os mesmos apresentam-se mais receptivos ao tratamento, inclusive trazem notórias melhoras para seus quadros clínicos.

Sendo assim, Libaneo (1991), nos fala que a educação – ou seja, a prática educativa, é um fenômeno social universal, sendo uma atividade necessária a existência e ao funcionamento de todas as sociedades. Cada sociedade precisa cuidar da formação dos indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais, prepara-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias

da vida social. Não há sociedade sem prática educativa, nem prática educativa sem sociedade.

A prática educativa não é apenas uma exigência da vida em sociedade, mas também o processo de prover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos de atuar no meio social e transformá-lo em função de necessidade econômicas, sociais e políticas da coletividade.

A história indica nessa trajetória que a educação comprova ser a principal conciliadora das evoluções sociais, e o educador automaticamente acaba se tornando a peça fundamental neste meio.

4 BENEFÍCIOS E DIFICULDADES NO TRABALHO COM A PEDAGOGIA HOSPITALAR

Pensando na perspectiva da Pedagogia Hospitalar, Matos e Muggiati (2001, p. 45-46) nos diz:

Se o pedagogo, hoje conta com espaços de atuação em hospitais, é porque houve reconhecimento da necessidade e conveniência de sua presença. Esse novo papel compreende, pois os procedimentos necessários à educação de crianças/jovens enfermos, de modo a desenvolver uma singular atenção pedagógica aos escolares hospitalizados e por extensão, ao próprio hospital na concretização de seus objetivos.

Percebe-se que a educação é um direito de todo e qualquer cidadão, assim como a saúde, e que por lei é um bem que lhes é assegurado. Com base no proposto podemos ver o quanto ainda é defasada a formação destes profissionais para a execução de seus serviços prestados neste campo. Podemos notar também que ainda há dificuldades adversas nas conduções de seus trabalhos com a Pedagogia Hospitalar, apesar de sua grande evolução benéfica desde o seu ponto inicial.

Além dos desafios encontrados ao longo do caminho e oferecer trabalhos que irão garantir a sociabilidade destes alunos enfermos, estes profissionais ainda concedem também uma linhagem de vida maior enquanto exercer seu papel de educador. Com as turbulências enfrentadas e os obstáculos acrescentados a vida desses pacientes, o tempo em que estes vivenciam dentro dos hospitais acaba se tornando algo significativo, Gonzáles-Simancas e Polaino-Lorente (1990, p. 153) confirmam:

[...] não se tratar, somente, do hábito de permanecer isolado da escola, alegando longas razões, de pouca importância, para justificar o seu absenteísmo escolar. Por outro lado, é frequente que a criança tenha uma certa propensão a queixar-se de determinadas doenças somáticas, ou que manifeste uma excessiva dependência de seus pais, o que, muitas das vezes, é correspondida por eles, numa tendência de superproteção. Não se pode esquecer que a aula representa para a criança, o mesmo que o trabalho representa para o adulto. (GONZÁLES-SIMANCAS E POLAINO-LORENTE, 1990, p. 153)

É necessário pensarmos também que este jovem além de estar atrelado a enfermidades físicas, também poderá afligir-se socialmente, gerando assim um auto

isolamento, subsequente ao seu afastamento do âmbito escolar, que uma vez, prolongada pode causar danos psicológicos ao mesmo.

Ainda para Gonzáles-Simancas e Polaino-Lorente (1990, p. 153) “que a estrutura da criança hospitalizada é uma estrutura monopolizada e parasitada pela enfermidade, suas implicações e conseqüências. Esta estrutura pode produzir a criança, obviamente, um certo desvio social, sobretudo se não forem tomadas medidas para evitar a “enfermidade social, antes aludida”. Ou seja, para sanar tais dúvidas e responder múltiplas questões, o surgimento do pedagogo nesta área é justamente para nortear e proporcionar a este aluno enfermo e a família um processo educativo humanizado, amenizando a dor e os pensamentos negativos atrelados a situação, para uma nova percepção educativa, expandindo seu primórdio inicial.

Segundo Lindsquist (1994, p. 70), “ não há melhor forma de eliminar tensões e criar uma atmosfera de calma do que cantando para a criança. ”

Um dos métodos a serem utilizado e que automaticamente geram resultados positivos na vida de uma criança são as histórias contadas, as músicas, a poesia etc. Elas permitem que as crianças amplifiquem sua cognição auditiva, visual, verbal e até mesmo as suas interpretações. Podemos perceber que o processo não se diferencia totalmente ao ensino ministrado nos âmbitos escolares, o que diferencia mais são o modo de aplicar e o tempo proporcionado.

De acordo com Jardim (1994, p. 7), “a Literatura, enquanto universo ficcional é um elemento importante na autoconstrução do indivíduo”.

A brincadeira em si é a sagacidade existencial da criança, ou seja, o seu motivo maior para viver. É no brincar que a mesma descobre a maneira de manejar suas emoções e aos acontecimentos externos, como exemplo a ausência de seus pais ou responsáveis em alguns momentos.

Segundo Cunha (2004, p. 7):

Estudos têm mostrado que, nos primeiros 2 anos de vida, a criança hospitalizada tem a sensação de estar sendo abandonada pelos pais, entre os 4 e 5 anos, sente esta nova situação como castigo por faltas que tenha cometido e, dos 10 aos 12 anos, uma profunda ansiedade e medo de morte.

Podemos ver claramente como é necessário a intervenção de métodos educativos e humanizados destes profissionais nestes casos de enfermidades. O medo

não só faz parte, como também é algo natural do ser humano, e dadas as circunstâncias é sempre necessário que haja uma sensibilização maior. Algo legal de sempre ser proposto às crianças é a utilização da Brinquedoteca Hospitalar. Um ambiente familiar, propício e preparado para atender sua ludicidade e amenizando ou cessando de vez seu medo e a insegurança tidos por estarem vivenciando em um ambiente tido como “frio”.

Ainda para Cunha (2001, p. 13), “Brincando a criança está nutrindo sua vida interior, descobrindo sua vocação e buscando um sentido para sua vida”.

Apesar da grande maioria das pessoas terem a brincadeira como algo superficial, ela vai além de todo e qualquer “achismo” aparente. O brincar não só é essencial como também favorece o desenvolvimento integral do ser humano, tais como: sociais, culturais, emocionais, físicos e/ou cognitivo. Está além do lazer ou do prazer, é o instante de aprender a partilhar, dividir, arquitetar normas e princípios, de experiências desde colocar-se no lugar do outro quanto trabalhar coletivamente. Evitando assim o seu auto isolamento e aumentando a sua porcentagem de melhora.

Warnock (1978, p. 28) sugere que:

Sejam oferecidas atividades educacionais para crianças hospitalizadas, por mais graves que sejam suas deficiências estas atividades tenham espaço adequado dentro do hospital e sejam consideradas uma parte integrante do sistema educacional os professores de classes hospitalares tenham acesso aos treinamentos em serviço e outros cursos de capacitação.

No Brasil, a maior parte dos hospitais ou clínicas especializadas para este tipo de atendimento, ainda não possuem este tipo de atendimento ao aluno hospitalizado. Até então, não é algo reconhecido em grande escala pela população a garantia ao estudo das crianças e/ou jovens hospitalizados, esta falha se dá a falta de aplicação e conhecimento tanto de alguns profissionais de ambas as áreas, como também da própria família. Podemos reparar que quando a criança está exposta a esse meio educativo durante sua permanência no âmbito hospitalar seu quadro de melhora é notoriamente maior do que comparado a um que não tem. Estudar similarmente em circunstâncias hospitalares é capaz de ser até então um benévolo medicamento para o aluno, senão o mais preferível neste momento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que foi exposto no trabalho, percebe-se que trabalhar a Pedagogia Hospitalar em prol da educação, melhora o condicionamento físico e psicológico das crianças e/ou jovens que se encontram enfermos. Tais exercícios se fazem necessários à unificação entre os profissionais tanto da saúde quanto da família.

Há a grande necessidade de fazer sempre intermediações educativas e humanizadas nas quais devem ser moldadas diariamente para melhor consolidação dos métodos aplicados, e para que assim a criança possa exercer e adquirir conscientização sobre a situação em que se encontra.

O pedagogo hospitalar é o profissional ideal para discutir tais assuntos educacionais, além de poder conscientizar os alunos, pais e colegas de trabalho para melhor adequação a esta nova situação. Tirando dúvidas e esclarecendo os preceitos obtidos por terceiros. O mesmo ainda consegue trabalhar juntamente aos profissionais da saúde, proporcionando assim ainda mais eficácia durante o tratamento do aluno enfermo e devolvendo a ele uma vida mais humana e saudável.

Verificou-se o quão difícil é ter profissionais qualificados neste ambiente, ainda mais quando não há o conhecimento necessário sobre seus direitos. Muitos se perguntam se a criança durante seu tempo de enfermidade ficará isenta aos estudos e prejudicada por não poder esperá-la. E será que esta não seria a melhor oportunidade para fazer com que ele obtivesse sua recuperação mais rápida continuando seus estudos onde quer que esteja? Estudar proporciona a criança vieses diferentes para o seu melhor desenvolvimento cognitivo, o que automaticamente está interligado ao seu físico.

Certificou-se que o conteúdo discorrido ao longo do trabalho encontrou as respostas necessárias e que sanaram tais dúvidas. A proposta do Pedagogo Hospitalar nas práticas pedagógicas hospitalares devem considerar os fatores que se farão necessários para que essas mudanças se tornem estimulantes e proporcionem bons resultados. Tais como: o diálogo, liderança, incentivo, participação etc.

Tendo desta maneira como propósito e objetivos, o compromisso com a formação humana e com sua saúde em geral, de modo que os alunos aprimorem suas

habilidades e competências dentro dos seus parâmetros de melhora e adaptação. Para que assim haja a garantia de sua melhora, do condicionamento físico e também, do desenvolvimento de sua autonomia intelectual.

Conclui-se assim que, a Pedagogia Hospitalar tem como finalidade atender todos os educandos que se encontram em determinadas condições de enfermidade. Garantindo o seu melhor desempenho e recuperação consistente.

REFERÊNCIAS

_____(2005). **A escuta pedagógica à criança hospitalizada** – Discutindo o papel da educação no hospital. UFF – Revista Educação, mai.-ago. São Paulo.

ALVES, Rubem (1994). **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poética.

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Secretaria de Educação Especial em Brasília, DF: MEC; SEESP, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.com.br/seesp/arquivos/pdf/livro9.pdf>>. Acesso: 15 de jul. 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. **Núcleo técnico da política nacional de humanização**. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2004.

CARDOSO, C.M. (1995). **Uma visão holística de educação**. São Paulo: Summus.

CUNHA, N. H. S. **Brinquedoteca: um mergulho no brincar**. São Paulo: Vetor, 2001.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993. GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

FONSECA, E.S. (2003). **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memmon.

FONSECA, S.E. (2003). **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. São Paulo: Memnon, 2003, p. 14-65.

FONTES, R. DE S. A reinvenção da escola a partir de uma experiência instituinte em hospital. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 271-282, maio/ago. 2004.

FONTES, R. O desafio da educação no hospital. **Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, v. 11, n. 64, p. 21-29, 2005.

FONTES, R.S. (2004). **A reinvenção da escola a partir de uma expectativa instituinte em hospital**. Educação e Pesquisa, vol. 30, n. 2, mai.-ago. São Paulo.

GONZÁLES-SIMANCAS, J. L.; POLAINO-LORENTE, A. **Pedagogia hospitalar: actividad educativa em ambientes clínicos**. Madrid: Narcea, 1990.

HOUSSAYE, Jean; SOETARD, Michel; HAMELINE, Daniel; FABRE, Michel. **Manifesto a favor dos Pedagogos**. Porto Alegre: Artmrd, 2004.

JARDIM, M. **Iniciação à literatura: questões norteadoras para a formação do futuro leitor**. Revista do Professor, Porto Alegre, ano 10, n. 38, p. 7-12, 1994.

LIBÂNEO, J. C. **Que destino os educadores darão à Pedagogia?** In: PIMENTA, Selma Garrido. *Pedagogia, ciência da educação?* 4. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LINDSQUIST, I. **A criança no Hospital.** São Paulo: Página Aberta, 1993.

MATOS, E. L. M.; MUGGIATI, M. M. T. DE F. **Pedagogia hospitalar.** Curitiba: Champagnat, 2001.

MONDIN, B. (1982). **O Homem, quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica . São Paulo, Brasil: Paulinas.

PAULA, E.M.A.T. (2003). **Educação, diversidade e esperança – A práxis pedagógica no contexto hospitalar .** Salvador: UFBA [Tese de doutorado em Educação].

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

WARNOCK, M. **Meering special educacional needs.** London: Bristol, 1978.